

A ARTE SOBE AO PICADEIRO

**TRINTA ANOS DE
ESTRADA DEPOIS, O
ANTROPÓFÁGICO PETICOV
CAPITULA: NO MUNDINHO
DA ARTE, IMPERA SÓ A
LEI DO ESPETÁCULO**

O ateliê em que Antonio Petcov dá aula fica a poucos passos de uma escola de circo, mas, hoje, é o mundinho da arte que faz lembrar a ele um festivo picadeiro. "A arte é hoje muito business, muito ego e pouca arte", diz ele, sacando de seu florete que, no entanto, é paz e amor e só quer fazer o bem. Petcov é um peixe fora do aquário. Sente-se claramente "desamparado". Seu suporte é um só: o de sua própria atitude. Ainda que tenha sido mestre de xodózinhos do mercado, como Vik Muniz, que pontifica em Manhattan como o vanguardista da hora, Petcov não tem nenhum interesse em palhifar a trilha vertiginosamente frívola de um império da imagem que rege a arte segundo o código de manipulação de posturas dóceis e, se preciso for, charlatanismo escancarado. "Tudo pelo show, tudo pelo espetáculo", é a lei do teatro das formas, das telas e dos pincéis que ele rejeita e abomina. "A arte é a vaselina da fama e da grana", saca ele. "Quando você percebe, já foi".



Filho de pai da Bessarábia, que veio se juntar a uma colônia búlgara na região de Assis, interior de São Paulo, Petcov está há 56 anos no mundo e há 30 na estrada. Catorze anos em Milão, catorze em Nova York – cidade da qual pegou um bode definitivo, como show-room de tudo de ruim que ele vê no comportamento artístico. Mais um e meio em Londres, que foi, aliás, onde a veia artística – e por que não? – poética, foi picada pelo encontro iluminador com Hélio Oiticica, à época fazendo sua exposição de antologia na Whitechapel. Foi ficando, pelo mundo, com sua arte insurgente e inconformada. "Estou fora do entertainment, da era da mídia, do big biz do mercado, as Bienais-espetáculos que gastam o suficiente para montar dois museus", diz ele, enquanto passeia à frente dos trabalhos de seus alunos – que ele recebe ali naquele ateliê de madeira, num surpreendente espaço público disputado por campos de várzea e no qual coexistem também, com troca de vibrações artísticas, o circo-escola e um teatro de criação coletiva. "Adoraria fazer de toda essa área um espaço de resistência cultural, como Christiania, em Copenhague", sonha ele.